

# A HABITAÇÃO COLECTIVA MODERNA DO PORTO – REABILITAÇÃO E MANUTENÇÃO

## *Apresentação de um caso prático*

Ana Cabral Pacheco de Miranda da Franca\*  
ana.franca@francaarquitectura.com

### Resumo

Da multiplicidade de arquitecturas de vertente moderna, concebidas no sec. XX, no Porto, demonstra-se que existe uma adaptação do Movimento Moderno a esta realidade urbana particular, que importa destacar, compreender e valorizar. Em termos de estado de conservação, na generalidade, estas arquitecturas reflectem um distanciamento entre diferentes agentes no seu conhecimento e na sua valorização, de que resulta a passividade geral que condena este património a diversos estados patológicos de degradação.

Pretendemos com esta comunicação apresentar o estudo<sup>†</sup> do diagnóstico do estado de conservação e a reflexão valorativa dos edifícios modernos de habitação colectiva do Porto, analisando um caso concreto, o Bloco Parnaso – edifício emblemático e determinante no processo de urbanização da cidade do Porto de meados do sec. XX, na contribuição da afirmação da arquitectura de qualidade e na confirmação da linguagem moderna.

Partindo do conhecimento deste caso prático, analisa-se uma metodologia construtiva, entre o betão e os novos revestimentos, potencializadores da renovação formal de meados do sec. XX.

Paralelamente, reconhece-se o estado de degradação da edificação moderna, investigam-se as fragilidades de um sistema construtivo recente, encetando conjecturas para a sua reabilitação e manutenção.

Por último, descreve-se a sua análise patológica, que poderá ser extensível a outros casos de estudo, com a mesma génese construtiva e tipológica, e entendida como ferramenta com utilidade exemplificativa para futuras intervenções de reabilitação.

Palavras-chave: Moderno, património, metodologia, degradação, reabilitação.

---

\* Arquitecta, Mestre em *Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico* da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

<sup>†</sup> O estudo nesta temática é consequente da elaboração da dissertação “*A habitação colectiva moderna do Porto: 1925-1965*”, apresentada no âmbito do Mestrado em *Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico* da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e orientada pelo Prof. Doutor Carlos Guimarães. O caso prático apresentado é sua parte integrante.



Figura 1: Bloco Parnaso: a) Alçado da R. N.ªSr.ª Fátima; b) Vista da fachada posterior do volume da R. N.ªSr.ª Fátima e das edificações da R. Oliveira Monteiro; c) Planta do r/c- s/esc.

## 1 Breve enquadramento histórico

### 1.1 O Moderno: a afirmação e a adaptação ao cenário português

Na viragem dos anos 50 do sec. XX a produção arquitectónica na cidade do Porto caracteriza-se pela inspiração no Movimento Moderno internacional e pela exploração global das questões urbanas, formais, tipológicas, programáticas e construtivas do projecto moderno[1], quer ao nível teórico, quer prático.

É neste território que se regista a implantação de alguns dos exemplos mais representativos de uma modernidade *domesticada*, com novos programas mistos de habitação/comércio/serviços que potenciam o enraizamento de novas expressões e conceitos. Numa desestruturação dos esquemas académicos e na absorção de uma linguagem popular, onde se especificam as mensagens funcionais das partes do edifício[2], em paralelo com a procura de um renovado método construtivo, comprova-se um entendimento e exploração da intervenção ao nível do impacto na cidade e da sua autonomia enquanto unidade urbana. Das novidades da linguagem moderna na habitação colectiva portuense, poderemos enumerar: a experimentação plástica e técnica do betão; a exploração da relação entre volumes diversos; o emprego e o entendimento de novos materiais; a dignificação dos acessos públicos; a maximização da importância da chegada ao edifício; a polivalência e a dinâmica de algumas áreas dentro dos fogos; a introdução de novas tipologias (como por exemplo o tipo 0) e a execução de novidades tecnológicas.

## 2 O valor dos Modernos

De facto, a produção arquitectónica da habitação colectiva do Porto de '50, confirma uma nova metodologia construtiva, oferece uma renovada exploração formal, introduz questões sociais, insere novidades tipológicas, inscreve o urbanismo no vocabulário, promove a fertilidade estética e considera o vernacular e o contextual como parâmetros do projecto. Sobretudo, comprova o desenvolvimento de arquitecturas de autor com vocabulários próprios que formam a génese de uma identidade, causa suficiente para defender o seu valor patrimonial.

Embora conquistado o seu reconhecimento pelas instituições nacionais (OA e IGESPAR) e internacionais (Docomomo), paradoxalmente, não é significativo o número de obras modernas abrangidas por disposições protectivas (apenas três estão classificadas), e regista-se o estado de degradação em 70% dos imóveis. Refira-se que, do nosso levantamento a vinte e cinco edifícios com tipologia colectiva, em primeiro lugar, registámos as fragilidades de um processo construtivo recente, associadas à falta de manutenção global, a partir do qual concluímos que a situação crítica é generalizada e reveste-se de delicada importância, porque progride a favor de um quadro patológico crónico e da passividade geral. Em segundo lugar, o diagnóstico do estado actual dos casos de estudo considerados, teve duas abordagens diferenciadas ao nível do exterior dos edifícios: anomalias de origem humana e anomalias por acções naturais. Resultou que, a tipificação patológica era extremamente problemática devido à variedade de materiais existentes, à diversidade de opções construtivas, ao meio ambiente, ao uso quotidiano, às operações de manutenção, à inacção humana e à interacção de causas-efeitos das patologias. Por essa razão, julgamos da maior importância registar o diagnóstico individual do Bloco Parnaso, pela sua transversalidade a outros exemplos modernos, na sua génese construtiva e anomalias comuns.

### **3 O Bloco Parnaso**

#### **3.1 Análise urbana e arquitectónica**

O Bloco Parnaso assinado pelo Arqt.º José Carlos Loureiro, em 1955, tem implantação em forma de "U" num lote de cunhal de configuração quadrangular localizado na Rua de Oliveira Monteiro e na Rua Nossa Senhora de Fátima, e recebe um programa misto de habitação, comércio e equipamento(Fig.1c). A importância da inserção urbana e da composição global do edifício são temáticas abordadas na proposta, em que a implantação é tratada, de forma orgânica na relação dos cinco volumes escalonados na R. Oliveira Monteiro, em associação com o grande bloco autónomo de seis pisos, recuado e paralelo à R. N.ª Sr.ª de Fátima, conseguindo-se o controlo da escala e do respeito pelo *sítio*.

Nos alçados, a horizontalidade é obtida através da composição dos vãos, reforçada pelas galerias de distribuição do edifício principal e pela oposição do volume vertical envidraçado da caixa de escadas. A opção distributiva das galerias de acesso, permite resolver as questões de transposição de escalas, da sequência da área pública para a privada[3], da privacidade das habitações e da imagem luz-sombra em composição com as alhetas das suas guardas(Fig.1a). Paradoxalmente, o edifício de Oliveira Monteiro, desdobrado em volumes de dois pisos, é tratado através da oposição das superfícies cerâmicas e dos vãos à face da fachada, potenciando-se a plasticidade dos materiais(Fig.1b). Da experimentação tipológica resulta, entre outros, a execução de apartamentos tipo 1, e o aparecimento de

soluções distributivas, aliadas a uma preocupação funcional e de habitabilidade (Fig.1c).

### **3.2 Análise construtiva**

A inovação formal é reforçada pela variedade volumétrica, possível através do betão armado, submetido ao desenho arquitectónico, onde a estrutura é elemento da composição dos alçados.

Ao nível dos revestimentos exteriores regista-se grande riqueza na sua diversidade e conjugação, materiais “*escolhidos por forma a dispensarem trabalhos frequentes de conservação*”[4]: pastilha de vidro nas paredes da cave, no revestimento dos paramentos dos blocos de Oliveira Monteiro, nos pilares da passerelle de entrada em N.<sup>a</sup>Sr.<sup>a</sup> de Fátima, na marcação das lajes e nas guardas das galerias; azulejo nas paredes das últimas em conjugação com reboco areado fino; empenas a tijolo amarelo vidrado; cerâmica moldada no piso térreo; vidro; ferro; pavimentos em cerâmica e betonilha de cimento com mistura de inertes.

A totalidade da caixilharia exterior é em madeira pintada, excluindo-se a da porta de entrada e a dos blocos de Oliveira Monteiro, em alumínio com acabamento anodizado e lacado. A colocação de peças de serralharia em ferro pintado reserva-se às grades de protecção do passadiço de entrada e do fosso frontal. Os caixilhos existentes nas galerias de distribuição, que formam pequena alheta transparente nos grandes panos horizontais da fachada, apresentam perfilariam em latão com vidro transparente e colorido.

### **3.3 Diagnóstico**

#### **3.3.1 Levantamento**

Como já referido, o presente levantamento do Bloco Parnaso (em vias de classificação[5]) tem o objectivo de alerta pela degradação[6], pela adulteração das características originais e pelo caso ser paradigmático e extensível a outros exemplos. Paralelamente, serviu de base à elaboração da análise patológica, e teve as seguintes acções:

- levantamento fotográfico do edifício, da envolvente e de edifícios com idênticas características construtivas;
- pesquisa histórica: através do projecto, do processo de licenciamento, de testemunhos vivos, de bibliografia e de fotografias da época de construção;
- levantamento arquitectónico: plantas, cortes, alçados e pormenores;
- caracterização construtiva: entendimento das questões conceptuais e técnicas.

#### **3.3.2 Análise patológica**

A situação crítica observada *in situ* do exterior do edifício é consequência, em primeiro lugar, de algumas patologias atribuídas a opções de desenho mas é, fundamentalmente, devida ao envelhecimento dos materiais e ao uso e abuso da construção, durante cinquenta anos.



Figura 2: a) Degradação do tijolo vidrado e dos elementos em ferro; b) Alhetas em perfilaria de latão e vidro, nas guardas das galerias de acesso; c) Caixilharia de madeira.

Observámos a alteração de alguns elementos originais, nomeadamente a substituição da caixilharia de madeira por alumínio anodizado, a colocação de grades protectoras em ferro pintado em alguns vãos e a passagem de infra-estruturas pelo exterior. Relativamente à descrição patológica, registou-se:

- degradação e fissuração dos muretes de acesso às habitações, provavelmente devido ao efeito da humidade e eventual fissuração do material de suporte;
- degradação e fissuração dos revestimentos das paredes, por acção da água, do vento e da insolação;
- proliferação de sujidade de cor negra nos revestimentos, com causa na poluição atmosférica, humidade e vento;
- manchas de sujidade e escorrências na superfície das paredes, lajes, pilares e pala de entrada devido à poluição atmosférica, água constante, humidade e vento;
- degradação do tijolo vidrado, com sinais de desgaste da camada protectora, por acção do vento, chuva e sol e eventuais acções químicas (Fig.2a);
- destacamento da pastilha de vidro e deterioração da argamassa das juntas com origem nas tracções da argamassa e/ou na compressão da cerâmica (Fig.2b);
- deterioração dos caixilhos em madeira, com aspecto seco e fendido, e constatação do generalizado empolamento e destacamento de tinta, por acção da humidade e radiação solar (Fig.2c);
- concentração de humidade e sujidade junto aos caixilhos em latão e em alumínio, com particular incidência nos vãos das galerias, sendo visível a proliferação de agentes biológicos;
- peitoris e soleiras pontualmente fissurados devido à provável fractura do suporte por acção da humidade;
- degradação generalizada dos rufos, verificando-se manchas de cor negra, pela constante passagem de água;
- existência de sistema de drenagem deficiente, afectando principalmente a pala de entrada e as gárgulas, com apresentação de manchas negras e proliferação de plantas provocadas pela humidade e passagem persistente de água;
- degradação e aparecimento de manchas de humidade no revestimento por debaixo das varandas por infiltração e fixação de água nos revestimentos;

- deterioração dos elementos metálicos como guardas, com consequente destacamento da pintura, ferrugem e perdas de secção, devido ao efeito de corrosão por humidade, ou seja, por oxidação do metal.

## 4 Considerações finais

A observação e investigação do Bloco Parnaso pretendem aprofundar as questões de análise, nomeadamente no diagnóstico patológico do seu exterior, no registo das alterações ao projecto original e nos danos sofridos pelo uso quotidiano. Paralelamente, ambiciona despertar as consciências dos agentes envolvidos para o seu estado de degradação progressiva e confirma a importância da sua arquitectura de qualidade, que deverá ser concludente para o processo valorativo e para a avaliação prática da intervenção/inacção, abrindo portas à possível reabilitação, deste e de outros edifícios modernos.

A metodologia de intervenção deverá ser discutida caso a caso, mas há que destacar a importância da possibilidade de salvaguarda do edifício apresentado, que poderá ser elucidativa na gestão da propriedade colectiva, transformadora da qualidade do ambiente urbano e potenciadora da memória do projecto moderno.

Concluindo, pensamos que esta apresentação contribuiu para a abordagem do caso de estudo na óptica da reabilitação e deverá ser entendida como uma ferramenta de utilidade exemplificativa para as acções futuras. Os desafios metodológicos da salvaguarda deverão e poderão resultar na reabilitação global do edifício e da arquitectura de '50 do séc. XX, testemunho do período de fertilidade estética e tecnológica. O que torna urgentes as intervenções a executar e pertinente a investigação dessa Arquitectura Moderna, porque o seu estudo poderá fornecer dados de grande importância para a sua protecção e conservação.

## 5 Bibliografia

- [1] Tostões, A.C., *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*, Dissertação de Doutoramento, Inst. Superior Técnico, 2002, pp.756-757.
- [2] Zevi, B., *A Linguagem Moderna da Arquitectura*, Lisboa, D. Quixote, 1984, p.45.
- [3] AAVV, *Porto 1901/2001 – Guia da Arquitectura Moderna*, ficha n.º 15, Porto, Ordem dos Arquitectos e Livraria Civilização Editora, 2001.
- [4] Loureiro, J.C., Memória Descritiva, *Processo de licenciamento n.º1775-26.Jan.55*, licença n.º687-14.Nov.55, Arquivo Hist. Mun. Porto, 1955.
- [5] Despacho n.º 130/2004, de 30.Dez., *Processo de classificação DRP/CLS-1839*, Arquivo IPPAR, 2004.
- [6] Costa, Xavier; Escolano, Víctor Pérez, *Arquitectura do Movimento Moderno, Inventário Docomomo Ibérico*, Lisboa, Barcelona, Edição Associação dos Arquitectos Portugueses, Fundação Mies van der Rohe, Docomomo Ibérico, 1997, p.12.